



ILAESE

Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos

www.ilaese.org.br

CONTRACORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim mensal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 13, Extra - Março de 2023

O governo Lula/Alckmin e a luta das mulheres

Desafios e perspectivas para as mulheres trabalhadoras

Sob o novo governo Lula/Alckmin, quais desafios e perspectivas se colocam às mulheres trabalhadoras?

Neste número do Contracorrente analisamos a condição das mulheres. Veremos que as mulheres trabalhadoras, especialmente as não brancas, foram as mais penalizadas pela violência, a sobrecarga doméstica, pelo desemprego e pela fome: o desemprego feminino

é 55% maior que o masculino, 47% das mulheres vivem em situação de insegurança alimentar. As mulheres negras seguem liderando os piores índices de desemprego, renda e informalidade. O salário da mulher negra representa 46% do salário de um homem branco e 63% das famílias chefiadas por mulheres negras com filhos até 14 anos, vivem em extrema pobreza.



(31) 9697-4672



ilaese@ilaese.page



[.com/ilaese](https://www.facebook.com/ilaese)



[@ilaese.org.br](https://www.instagram.com/ilaese.org.br)



[.com/c/ilaeseorgbr](https://www.youtube.com/c/ilaeseorgbr)

A situação *socioeconômica* das mulheres no Brasil

Na tabela abaixo, indicamos os dados trimestrais fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE, para analisar a situação das mulheres antes, durante e após o pico de contaminação de covid-19.

Mulheres em idade ativa (14 anos ou mais) posição no mercado de trabalho

BRASIL (em mil pessoas)	MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2019		MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2021		MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2022	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%
Na força de trabalho como	47.504	54,57%	46.398	52,25%	47.856	53,40%
Ocupadas	40.696	46,75%	39.026	43,95%	42.604	47,54%
Desempregadas	6.808	7,82%	7.372	8,30%	5.252	5,86%
Fora da força de trabalho	39.553	45,43%	42.395	47,75%	41.761	46,60%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. **Elaboração:** ILAESE.

Nesta tabela observamos a população feminina em idade ativa na força de trabalho classificadas como ocupadas ou desempregadas. A outra parcela das mulheres figuram fora da força de trabalho.

Considerando o total de mulheres em idade ativa, com 14 anos ou mais, antes da pandemia, em 2019, 54,57% figuravam dentro da força de trabalho, ou

seja, estavam trabalhando ou em busca de emprego. Como pode se ver acima, no 3º trimestre de 2022, a taxa de mulheres presentes na força de trabalho ainda permanece inferior ao patamar anterior à pandemia.

Quase metade das mulheres que poderiam estar trabalhando, estão fora do mercado de trabalho. Isto se dá de forma bem diferente para os homens.

Homens em idade ativa (14 anos ou mais) posição no mercado de trabalho

BRASIL (em mil pessoas)	HOMENS NO 3º TRIMESTRE DE 2019		HOMENS NO 3º TRIMESTRE DE 2021		HOMENS NO 3º TRIMESTRE DE 2022	
	TOTAL	%	TOTAL	%	TOTAL	%
Na força de trabalho como	60.031	73,65%	60.032	72,25%	60.873	72,61%
Ocupados	54.040	66,30%	53.951	64,93%	56.665	67,59%
Desempregados	5.990	7,35%	6.081	7,32%	4.208	5,02%
Fora da força de trabalho	21.477	26,35%	23.061	27,75%	22.968	27,39%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. **Elaboração:** ILAESE.

Considerando o total de homens em idade ativa, com 14 anos ou mais, antes da pandemia, em 2019, 73,65% figuravam dentro da força de trabalho, ou seja, estavam trabalhando ou em busca de emprego. E a proporção de homens fora da força de trabalho foi de 26,35%, percentual bem menor quando comparamos a situação das mulheres. No

ano de 2022, o percentual de homens fora da força de trabalho foi de 27,39%.

A situação vivenciada pelas mulheres no mercado de trabalho piorou, sobretudo, durante os quatro anos de governo Bolsonaro. Seu discurso machista e a falta de investimento em políticas públicas fez crescer a desigualdade de gênero, raça e classe.



A situação socioeconômica das mulheres *trans e travestis*



Vejamos adiante a posição das mulheres trans e travestis no mercado de trabalho, que sofrem o acúmulo de opressões. Para analisar essa sessão, utilizamos os dados da plataforma Trans Empregos, onde há um volume de informações a respeito da população trans contratada a partir das vagas de emprego ofertadas no próprio site. Esta plataforma possui hoje mais de 23 mil usuários cadastrados e mais de 2.300 empresas ofertando vagas de emprego.

Total de usuários cadastrados na plataforma

Usuários	2020	2021	2022
Total de usuários	22537	21477	23251

Fonte: Trans Empregos. Elaboração: ILAESE.

Observa-se um contraste muito grande entre a população cadastrada e a população contratada a partir desta plataforma, chegando no último ano a expressar 4,79% da população usuária da plataforma de emprego.

Taxa de *contratação* da população cadastrada na plataforma

	2020	2021	2022
Contratados	707	797	1113
%	3,14%	3,71%	4,79%

Fonte: Trans Empregos. Elaboração: ILAESE.

A taxa de contratação foi, em média, 3,8% nos últimos anos. Uma taxa muito baixa, inclusive quando observada em comparação com o número de vagas ofertadas, que apenas em 2022, totalizaram em mais de 4.000 vagas¹.

A partir da apuração dos currículos cadastrados na plataforma, é possível mapear a identidade de gênero.

Identidade de gênero dos usuários

ID de Gênero	2020	2021	2022
Homem Trans	10637	9063	9540
Mulher trans	6536	7974	8919
Travestis	1533	1121	1295
Não binário	2502	2070	2390
Outros	1330	1248	1107

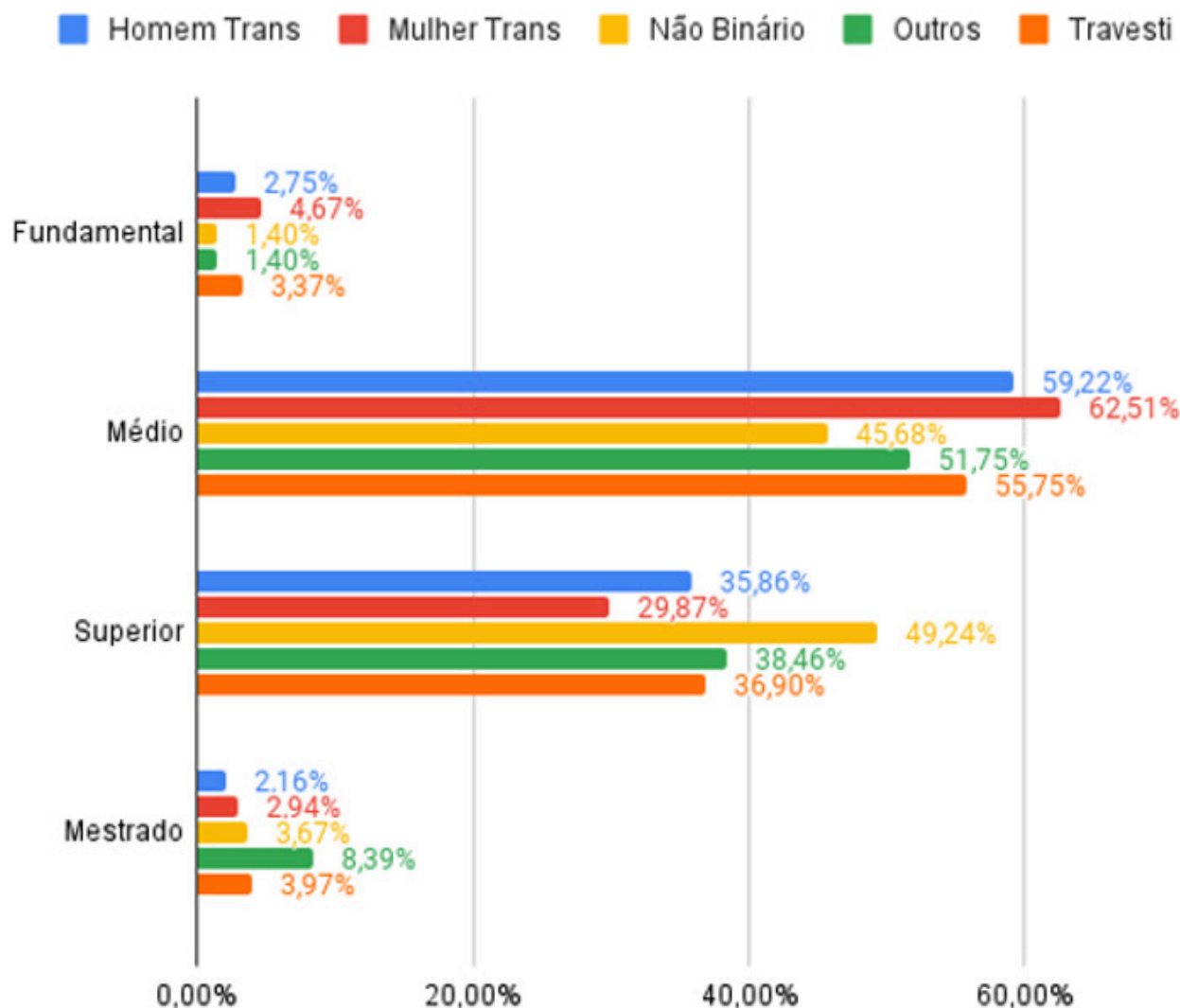
Fonte: Trans Empregos. Elaboração: ILAESE.

Observe que entre a população cadastrada, houve um aumento expressivo de mulheres trans e travestis.

¹ Disponível em: <https://www.transempregos.com.br/dados2022>

Veja adiante o grau de escolaridade desta população no ano de 2022.

Grau de escolaridade dos usuários em 2022



Fonte: Trans Empregos. Elaboração: ILAESE.

O Brasil lidera o ranking mundial de mortes da população trans há mais de 14 anos. A população trans, em especial as mulheres trans e travestis, ocupam hoje os piores postos de trabalho, ainda que com um grau de escolaridade acima da média brasileira, como está evidente no gráfico acima.

Finalmente, vejamos a composição racial:

Raça da população cadastrada na plataforma

	2020	2021	2022
Negros	12035	10472	11260
Não negros	10502	11005	11991

Fonte: Trans Empregos. Elaboração: ILAESE.



Marsha P. Johnson,
mulher transexual afroamericana, foi uma figura central no movimento de libertação LGBT

A situação socioeconômica das *mulheres negras* no Brasil

A crise sanitária jogou para fora do mercado de trabalho uma parte considerável do contingente feminino e veja que para as mulheres negras, a situação piorou.

Mulheres negras em idade ativa (14 anos ou mais) posição no mercado de trabalho

BRASIL (em milhões)	MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2019		MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2021		MULHERES NO 3º TRIMESTRE DE 2022	
	NEGRAS	%	NEGRAS	%	NEGRAS	%
Na força de trabalho como	25,7	53,5%	24,8	51,4%	25,7	53,3%
Ocupadas	21,4	44,4%	20,1	41,7%	22,3	46,2%
Desempregadas	4,4	9,1%	4,7	9,7%	3,4	7,1%
Fora da força de trabalho	22,4	46,5%	23,5	48,6%	22,6	46,9%

Fonte: PNAD Contínua, IBGE. Elaboração: ILAESE.

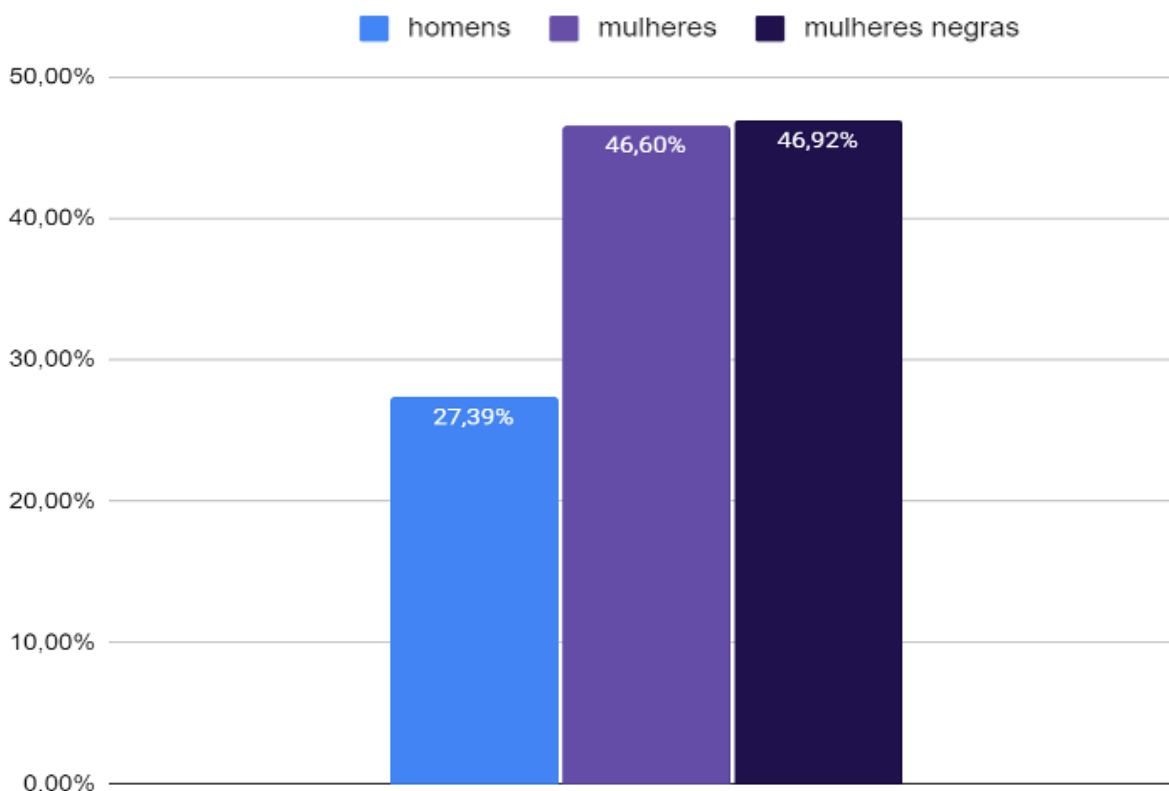
Na desagregação por raça, percebe-se que a desocupação entre as mulheres negras é sempre mais elevada. O racismo naturalizado faz com que essas trabalhadoras sejam colocadas em postos de trabalho mais precários.



Lélia Gonzalez

discursa pelo Movimento Negro Unificado (MNU), em ato público na Cinelândia, Rio de Janeiro, em 1983.

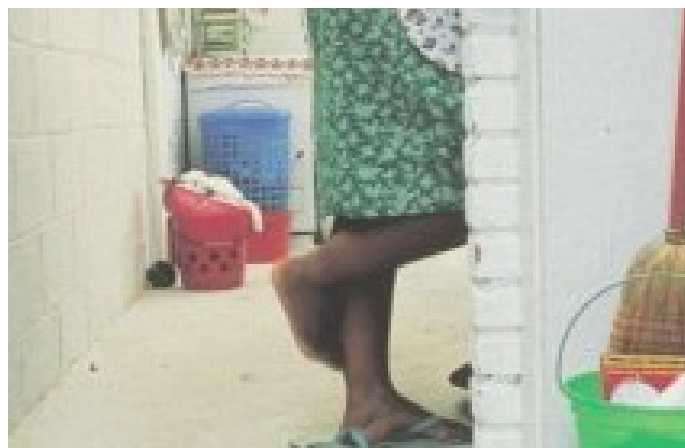
População fora da força de trabalho no 3º trimestre de 2022



Fonte: PNAD Contínua, IBGE. **Elaboração:** ILAESE.

As condições de vida das mulheres negras escancaram as contradições do sistema capitalista, visto que são superexploradas em período de crescimento econômico e são as primeiras a ficarem desempregadas em períodos de crise. A prova disto pode ser vista nos marcos do 3º trimestre de 2019, quando figuravam 46,5% de mulheres negras fora da força de trabalho.

Além de tudo isso, com a pandemia e mesmo após o período de isolamento social, as mulheres mais que dobraram o número de horas dedicadas ao trabalho doméstico.



Violência

Nos últimos anos a opressão vivida pelas mulheres se intensificou. O discurso machista de Bolsonaro e a falta de investimento em políticas públicas fez crescer a violência e a desigualdade de gênero, raça e classe.

Essa vulnerabilidade nos expõe a outras

violências. Somente no primeiro semestre de 2022 foram 31.398 denúncias de violência doméstica na Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos e 699 feminicídios². **Em 2022 o Brasil liderou, pelo 14º ano consecutivo, o ranking do transfeminicídio.**

Assassinatos da população trans em série histórica

Violência	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Assassinatos	179	163	124	175	140	131
Mulheres trans e travestis	169	158	121	175	135	130
%	94,41%	96,93%	97,58%	100,00%	96,43%	99,24%

Fonte: Dossiê de assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022, Antra.

Elaboração: ILAESE

As mulheres indígenas são vítimas da violação de seus territórios e de seus corpos, na linha de frente contra o garimpo ilegal em suas terras, são castigadas com estupros e feminicídios. Já as imigrantes sofrem com a superexploração, 93% das mulheres resgatadas de situações de trabalho escravo no país são imigrantes.

Por isso, é inegável o sentimento de alívio pela derrota eleitoral de Bolsonaro. Seu governo foi marcado por brutais ataques aos trabalhadores, pobres e aos oprimidos. Os ataques aos direitos sexuais e reprodutivos, desmantelamento dos serviços que realizam aborto legal e a

tentativa de impedir esse direito até mesmo às meninas vítimas de estupro, castigou sobretudo as meninas e adolescentes vítimas da violência sexual.

Mas se derrotar Bolsonaro nas urnas não foi secundário, isso não quer dizer que a ultradireita esteja acabada, ao contrário: ela segue organizada, como vimos na tentativa fracassada de golpe do dia 8 de janeiro. As mulheres, que estiveram na linha de frente contra os ataques bolsonaristas, agora exigem a prisão de Bolsonaro e de todos os golpistas, incluindo os setores burgueses que financiaram essas ações e todos os militares envolvidos na tentativa de golpe.

O que *esperar* do governo Lula/Alckmin

É compreensível que muitos ativistas, em especial os que militam nos movimentos de luta contra as opressões, tenham expectativas de que finalmente nossas pautas serão atendidas no novo governo. Sabemos que existem diferenças entre o projeto de governo de Bolsonaro e o de Lula/Alckmin, mas será que este último representa os interesses das mulheres trabalhadoras?

Pressionado pelos movimentos sociais, o governo tem aplicado medidas aparentemente progressivas, como o aumento da quantidade de mulheres na nova equipe de governo, o que sem dúvida é importante, pois é parte da luta por sermos reconhecidas. Mas entre essas mulheres estão burguesas como Simone Tebet, representante do agronegócio e defensora da reforma trabalhista que tanto penaliza as mulheres trabalhadoras e, portanto, não é uma aliada.

Para manter suas alianças, Lula já sinalizou que não atenderá uma das demandas mais

urgentes das mulheres trabalhadoras, a revogação integral de todas as reformas e, se bem que o governo anulou as portarias que dificultam o acesso ao aborto legal e retirou a assinatura do Brasil do Consenso

de Genebra, bloco reacionário na ONU cuja plataforma defende a criminalização do aborto no mundo, sua ministra da mulher, Cida Gonçalves, declarou que a discussão do aborto não é pauta do governo, e que cabe ao Congresso (um dos mais reacionários da história do país) discutir o tema.

Diante do que está colocado pensamos ser necessário seguir organizando nossas forças e lutar por nossas pautas: legalização do aborto, revogação das reformas, emprego, renda, moradia, salário igual para trabalho igual, socialização do trabalho doméstico, combate à violência, e tudo o mais que sirva para melhorar a condição de vida das mulheres trabalhadoras, e fortalecer a luta estratégica contra esse sistema capitalista de exploração e opressão. Nesse processo é fundamental que nossos companheiros se somem

conosco, que rompam com suas atitudes machistas e se coloquem como aliados na luta contra o machismo e as desigualdades.



Somente dessa forma poderemos disputar política e ideologicamente a classe tanto contra o governismo da conciliação de classe como contra o bolsonarismo e a ultradireita.

EXPEDIENTE

Contra-corrente é uma publicação mensal elaborada pelo ILAESE para os sindicatos, oposições sindicais e movimentos sociais. Contato: Rua Curitiba, 862, sala 307. Centro - Belo Horizonte - MG - CEP: 30170-124. Telefone: (31) 2520-2008 - (31) 9697-4672- ilaese@ilaese.org.br - www.ilaese.org.br. CNPJ 05.844.658/0001-01. Diagramação: Anna Sant'Anna.